

OS TERRORISTAS E A PAZ GLOBAL

Luís Nassif

Folha de S. Paulo, 15 de setembro, 2001.

Em momentos de paroxismo -como o que cerca os atentados nos EUA-, a mídia passa a desempenhar papel fundamental na busca do bom senso e de soluções. Não pode ser unicamente o canal para catarses de lado a lado, para manifestações de indignação que se limitem a botar mais lenha na fogueira.

Tem-se uma realidade clara a tratar. Há um mundo globalizado que necessita de regras claras e duradouras de convivência. Não é possível imaginar esse mundo sem a presença americana. E o atentado ao WTC deixou claro que é impossível a convivência global sem políticas de integração dos excluídos e de correção das injustiças globais. A discussão tem que convergir para isso: que ações deverão ser feitas para atingir o equilíbrio global. Esse é o ponto focal, que vem sendo atrapalhado por um radicalismo marqueteiro sem sentido. O primeiro inimigo a combater é esse clima de catastrofismo, em que até a Terceira Guerra Mundial foi invocada. Terceira Guerra contra quem? Contra grupos terroristas incrustados em vários países? Há uma guerra em curso, sim, e quem tiver olhos menos catastrofistas observará que os atentados ocorridos tiveram o condão de despertar uma solidariedade global jamais vista em episódios políticos. Houve coesão ímpar de Estados nacionais contra um inimigo comum: o terror.

A grande discussão é como usar essa confluência de forças para criar uma nova ordem mundial, e não para um revanchismo sem sentido. E aí entra a abolição de toda forma de radicalismo tolo que sempre impera nos momentos de paroxismo e das discussões inúteis. A primeira discussão inútil é esse permanente acerto de contas com o passado. Não há nada que atravesse mais a construção do futuro do que o permanente acerto de contas com o passado. Sou contra toda forma de discriminação, adoro a cultura negra, convivo em muitos ambientes com maioria negra, sou branco de origem e não tenho nenhuma responsabilidade sobre o que meus antepassados fizeram séculos atrás. O combate à discriminação é um valor universal, não uma forma de aplacar culpas.

Essas culpas eternas impedem qualquer ato racional de aproximação, integração e desarmamento de espíritos.

Isso vale também para o momento atual. São vítimas da doença juvenil do radicalismo tanto os que celebram o atentado como uma punição aos EUA quanto os que advogam a total liberdade para os EUA praticarem a retaliação que bem entenderem, por terem sido vítimas de um ato sórdido.

Momentos como esse exigem reflexão para obter o único ganho que esses episódios permitem: lições. Para a discussão ganhar um mínimo de objetividade, seria importante fixar alguns paradigmas intocáveis:

1) o terrorismo, qualquer que seja sua motivação, é crime contra a humanidade. Não há

nada que possa justificar um ato terrorista;

2) qualquer ataque indiscriminado a países islâmicos conferirá um novo fôlego ao terrorismo. Ou alguém julga que terroristas que praticam o suicídio em nome de Alá vão se intimidar com ataques? Vão se considerar mais predestinados ainda;

3) para combater o terrorismo, há que entender o que o legitima. Na raiz de grande parte do terrorismo político, existem conflitos políticos e regionais não resolvidos, existem povos injustiçados sem canal para expressar suas reivindicações. Crie-se esse canal e se tirará do terrorismo a legitimidade que detém em algumas comunidades;

4) é impossível pensar em um mundo sem os EUA, assim como é impossível pensar na paz americana sem a paz mundial. Esse episódio deverá ensinar aos americanos a assumir suas responsabilidades nas grandes conferências mundiais, mas também aos ditos povos oprimidos a não discriminar os americanos, como ocorreu na recente conferência sobre racismo;

5) é hora de fortalecer ou criar novas instituições internacionais, que comecem efetivamente a mediar os grandes conflitos regionais. O direito dos israelenses e dos palestinos à sua própria terra virou definitivamente uma questão da humanidade.